

O BIG BROTHER BRASIL 2022 COMO ARTEFATO CULTURAL

Eixo Temático 29 – Pedagogias de Gêneros e Sexualidades em Mídias e Artefatos Culturais

Ludmilla Carneiro Araújo ¹
Patrícia da Silva Ribeiro ²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar o reality show “Big Brother Brasil 2022” como artefato cultural e promotor de visibilidade de diferentes formas de exercer gênero e sexualidade. Foram realizadas análises de duas falas proferidas pelos participantes do reality show a uma participante trans³. Tomamos como referencial os Estudos Culturais, pós – estruturalistas, buscando destacar o efeito da mídia televisiva como produtora de saberes e conhecimentos, sendo parte das produções de subjetividade que constituem os sujeitos. Podemos concluir que discussões sobre transfobia em programas de televisão são importantes para suscitar discussões que favorecem a desconstrução de padrões de normalidade instituídos e excludentes.

Palavras-chave: Produções de subjetividade; Artefato Cultural; Mídia.

INTRODUÇÃO

O Big Brother Brasil é a versão brasileira de um reality show que também foi produzido em outros países, se trata de um programa de entretenimento televisivo transmitido pela Rede Globo de Televisão Brasileira. De acordo com a página da Rede Globo⁴, é um Reality show exibido desde 2002, a partir de um formato criado pela produtora holandesa Endemol. Durante três meses, participantes são confinados voluntariamente em uma casa, e se dispõem a ser filmados durante todo o tempo que ali permanecem, tendo que enfrentar várias provas, sendo desafios físicos e emocionais. Cada temporada do programa é exibida diariamente, com

¹ Mestra em Educação pela Universidade Federal de Viçosa – MG, ludaraujo55@gmail.com

² Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO, patysilva_19@hotmail.com

³ Trans é um termo guarda-chuva empregado para descrever uma variedade ampla de identidades de gênero – incluindo pessoas transexuais, travestis, transgêneras. Definição retirada do Glossário da ONU Livres & Iguais.

⁴ Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/reality-shows/big-brother-brasil/> Acesso em: 19 mar. 2022.



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

imagens ao vivo e/ou previamente editadas, de tudo o que ocorreu entre os participantes, desde as rotinas mais comuns aos conflitos, brigas e namoros. Confinados em uma casa, participantes precisam conviver com uma multiplicidade de pessoas, dividir tarefas, participar de competições e enfrentar o temido “paredão”, que é um momento em que os participantes sofrem votos dos telespectadores para sair da casa. A cada semana, um concorrente é eliminado, e o vencedor, ao final, recebe um prêmio. Na primeira edição, o valor foi de R\$ 500 mil para o ganhador e hoje chega a R\$ 1,5 milhão.

O BBB recebe todos os anos uma diversidade de pessoas de diferentes raças e gêneros. Linn da Quebrada, também conhecida como Lina, foi participante do BBB22 e se identifica como travesti. Em suas palavras, durante seu discurso de apresentação no programa: “Eu fracassei. Sou um fracasso de tudo que esperavam que eu fosse. Não sou homem, não sou mulher, sou travesti!” Lina é a segunda participante trans a entrar no BBB para jogar, o que tem suscitado muitas discussões nas redes sociais sobre transfobia. A transfobia se baseia em medo, rejeição ou aversão – muitas vezes na forma de atitudes estigmatizantes ou comportamentos discriminatórios – em relação às pessoas trans devido sua identidade de gênero. (UNESCO, 2017).

Nesse sentido, este trabalho parte da hipótese de que o BBB, ao alcançar a casa de milhões de brasileiros, tem o potencial de promover discussões sobre temas polêmicos que dizem respeito às relações sociais. Dessa forma, por meio dos estudos culturais, queremos problematizar este programa como produtor de discursos, que tem o potencial de instituir “regimes de verdade” sobre as relações sociais, sendo parte dos processos de subjetivação que constituem os sujeitos (GUATTARI; ROLNIK, 2005). Consideramos, também, que o BBB produz um tipo de currículo, um tipo de pedagogia que ensina. (PARAISO, 2001). Paraiso (2001) afirma há uma emergência na ampliação dos estudos de currículo e pedagogia, pois, segundo ela, não são somente os espaços considerados educacionais que ensinam; a mídia e as redes sociais também têm um importante papel na formação das pessoas.

METODOLOGIA

O REALITY SHOW COMO ARTEFATO CULTURAL

Os estudos culturais nos proporcionam uma ampliação da noção de currículo e cultura, eles “investem na pesquisa acerca da produção de sentidos realizada pelos sujeitos quando do uso dos produtos televisivos” (ROCHA, 2011, p. 5). Quando passamos a entender que problematizações feitas em um programa de grande alcance como o Big Brother Brasil são capazes de produzir pensamentos e atitudes nas pessoas, estamos trabalhando com a perspectiva



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

de currículo cultural (PARAISO, 2001), concepção que nos possibilita a tomar como objeto de estudo e análise o BBB como um artefato cultural. O currículo cultural pode ser visto como fazendo parte de uma "pedagogia cultural" que, de maneira mais ampla, nos ensina comportamentos, procedimentos, hábitos, valores e atitudes, considerados adequados e desejáveis, através de diferentes artefatos, como o cinema, a televisão, as revistas, a literatura, a moda, a publicidade, a música etc. (PARAISO, 2001, p. 144).

Neste trabalho, buscamos analisar duas falas dos participantes do reality show Big Brother Brasil em sua vigésima segunda edição dirigidas à participante Lina, problematizando os discursos proferidos, a partir dos Estudos Culturais. Nas palavras de Rocha (2011), o que a análise cultural indica é o fato de que a televisão corresponde a um dos principais domínios na contemporaneidade através dos quais a cultura circula e é produzida. Dessa forma, entendemos que o reality show televisionado, o Big Brother Brasil, se constitui como potente artefato cultural a ser analisado, visto que possui dimensão cultural, produzindo e/ou reproduzindo significados.

Utilizaremos de análises para além da esfera da produção midiática, indo de encontro à instância da recepção, através de declarações e respostas do que suscitou o programa televisivo e as violências transfóbicas televisionadas na sua audiência. A audiência televisiva não é composta por uma massa homogênea, mas por uma gama de diferentes grupos, que leem ativamente o texto televisivo e assim, produzem sentidos interligados à sua experiência social. E, em consequente esses espectadores não interrompem a interpretação quando um programa termina, pois eles discutem o que assistiram uns com os outros. (ROCHA, 2011).

OS DESDOBRAMENTOS A PARTIR DAS FALAS NO BBB

O BBB22 foi palco de visibilidade à questões de identidade trans através da participante Lina, e em relação a transfobia sofrida por ela dentro do reality show. Muitos telespectadores publicaram e comentaram nas redes sociais acerca das cenas ocorridas durante o programa. Citaremos aqui duas dessas cenas, a fim de tecermos análises sobre as mesmas. A primeira cena foi o desdobrar de uma atividade diária – uma dinâmica do reality show - em que os participantes iam até uma sala com isolamento visual e acústico e enviavam torpedos para os pares. Em um dos dias do programa, Lina recebeu o seguinte torpedo anônimo: “*Você está solteiro? Tem alguém perguntando aqui?*”. A mensagem gerou uma revolta em Lina e alguns de seus amigos próximos no programa, pois Lina, além de já ter deixado claro desde o início do programa a sua identidade trans e o uso do pronome feminino para se referir a ela, tem tatuado



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

em sua testa o pronome “ela”. Ser chamada de “solteiro”, deixou Lina revoltada e triste dentro do confinamento.

A cena gerou uma enorme repercussão nas redes sociais. Telespectadores e internautas do Brasil questionavam e demandavam saber quem havia sido o/a participante que havia escrito o torpedão, pressionando ademais, a emissora do reality, em divulgar quem havia mandado o torpedão. A artista Anitta também se manifestou em seu twitter dizendo: *“Eu acho que o bbb deveria expor quem mandou esse torpedão para a Lina. Transfobia (...) tem um ELA escrito na testa da mina (...) revoltante”*.

Pela pressão social, a emissora Globo revelou no programa que a autora do torpedão foi a médica Laís, outra participante do BBB22. Comentários como “travestis merecem respeito” ficaram em alta naquela semana. Por outro lado, outros grupos tentaram amenizar e dizer que Laís “não teve maldade” em sua fala.

Temos aqui dois discursos em correlação: o de Laís, que poderíamos chamar de um discurso médico, científico, hegemônico. Temos, também, um outro grupo mais politizado que parece compreender o conceito de gênero e que anuncia a necessidade de revermos o discurso já constituído, sólido, hegemônico.

A segunda cena escolhida para nossa análise, ocorreu durante a festa do líder da semana (líder - detentor de privilégios no jogo por ter vencido uma das provas semanais, inclusive uma festa com a temática escolhida por si), o participante Lucas. Em meio à festa, ele tentou interagir com Lina e Natália (outra participante do BBB22), dizendo *“Vem dançar vocês dois!”*. Lina, logo revidou: *“Vocês dois?”*.

As duas cenas mostram o uso inadequado do pronome masculino ao se referir à participante Lina, situações que aconteceram no programa e suscitaram discussões que chegaram na casa de pessoas do Brasil todo. Essas situações nos trazem algumas problematizações, como por exemplo: Quais efeitos esses discursos produzem na subjetividade dos indivíduos? Foucault, Guattari e Deleuze problematizam a constituição dos sujeitos a partir de alguns conceitos para entendermos porque somos como somos. A produção de subjetividade, por exemplo, explica como somos produzidos a partir das relações, dos encontros. Para Guattari e Rolnik (2005) a subjetividade não é algo centrado no indivíduo, não é uma essência pronta a ser descoberta. É uma produção que acontece a partir dos encontros que vivemos ao longo da vida. A subjetividade é, portanto, essencialmente fabricada e modelada no registro do social, as produções de subjetividade nos atravessam, contribuindo para nossos modos de enxergar o mundo.

Existem, nesse sentido, sistemas de configuração dominante que instituem modos hegemônicos de ver a vida. As pessoas compõem sentido dentro de um sistema e, sem perceber, sem se darem conta, vivem esse sistema, são capturados por ele (GUATTARI; ROLNIK, 2005). Dessa forma:

a difusão desses componentes se dá a partir de uma série de instituições, práticas e procedimentos vigentes em cada tempo histórico. É nessa dinâmica mutante que os processos de subjetivação vão tomando forma, contando com a participação das instituições, da linguagem, da tecnologia, da ciência, da mídia, do trabalho, do capital, da informação, enfim, de uma lista vasta que tem como principal característica o fato de ser permanentemente reinventada e posta em circulação na vida social. (MANSANO, 2009, p. 111).

Vivemos em uma sociedade que naturalizou a dicotomia feminino/masculino, ela/ele. Aprendemos desde que nascemos a nos referir à mulher como “ela” e ao homem como “ele”. Uma pessoa trans nasce com o sexo biológico masculino e passa por uma transformação, faz uma mudança em sua vida. As pessoas que convivem com essa pessoa estão imersas em produções de subjetividade de cunho hegemônico, e nessas produções, não há a existência de pessoas trans.

Apesar dos sistemas dominantes de significação, existem, também, os Processos de Singularização, que estão em circulação em diversos meios sociais. Ao mesmo tempo em que os indivíduos incorporam os processos de subjetivação hegemônicos, eles podem criar uma “relação de expressão e de criação, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade, produzindo um processo chamado de singularização”. (GUATTARI; ROLNIK, 2005, p. 42).

Existe, portanto, uma luta entre processos de subjetivação hegemônicos e processos de singularização que são produzidos nos cotidianos do convívio. Ao mesmo tempo em que nos constituímos com as subjetividades dominantes, temos a chance de nos compor em processos de singularização, onde há desvios do padrão estabelecido pelas subjetividades dominantes. Quando uma pessoa que nasceu com o sexo biológico masculino se torna uma pessoa trans e se apropria de um pronome que até então é utilizado apenas para mulheres com o sexo biológico, ela está produzindo singularizações.

Há todo um empreendimento que busca nos convencer dos perigos presentes nas tentativas de romper com os valores hegemônicos, como se eles garantissem algum tipo de segurança ou ordem. A recusa, assinalada por Guattari, envolve uma aproximação da dimensão desejante da vida, para que, conectados a ela, possamos inventar novas maneiras de experimentar e perceber os encontros. (MANSANO, 2009, p. 112).

Nesse sentido, as cenas narradas invadem as casas e produzem diferentes encontros com as pessoas, pois cada sujeito se constitui de forma diferente nestes encontros. Apesar de os

sistemas de significação dominante serem hegemônicos, ainda há processos de singularização em circulação, o que faz com que esses movimentos aconteçam. Essas discussões, portanto, são importantes para produzir novos processos de singularização, para movimentar discursos aparentemente naturalizados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Elegemos o Big Brother Brasil 2022 para análise, uma vez que se caracteriza como artefato cultural, fazendo parte de pedagogias que veiculam significados que ensinam modos de ser e de entender sobre identidades trans. Além disso, ao serem apresentados na mídia televisiva, tais significados assumem efeitos de verdade, pois ao serem enunciados em um canal de TV vinculado a uma emissora de grande repercussão no país, são potenciais produtores de subjetividade que contribuem na constituição dos sujeitos.

Neste sentido, ao analisarmos o BBB22, percebemos que o encontro com um programa como esse pode produzir pensamentos. Mas nem todos os encontros afetam as pessoas da mesma forma. Os efeitos desses encontram variam e, dependendo da forma que eles acontecem, os sujeitos são levados a questionar modos de viver, existências, visões de mundo, desorganizando um modo de viver até então conhecido.

Dessa forma, podemos concluir que a representatividade de pessoas trans bem como discussões que emergem a partir das relações no Big Brother Brasil podem ser necessárias e potentes na produção de novos pensamentos, que vão contra as produções de verdade instituídas. Por isso, reflexões e problematizações como essa são relevantes, na tentativa de desconstruir padrões de normalidade instituídos e excludentes.

REFERÊNCIAS

GUATTARI, Felix. e ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 7^a ed., 2005.

MANSANO, Sonia Regina Vargas. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na Contemporaneidade. **Revista de Psicologia da UNESP**, 8(2). 2009.

PARAÍSO, Marlucy Alves. A produção do currículo na televisão: que discurso é esse? **Educação & Realidade**, 26(1): 141-160, jan./jul., 2001.

ROCHA, Simone Maria. Os estudos culturais e a análise cultural da televisão: considerações teórico-metodológicas. **Rev. Interamericana de Comunicação Midiática**, Santa Maria, v.10, n.19, sem. 2011.



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

TGEU. IVT TMM Update : Trans Day of Remembrance 2021. **Transrespect versus Transphobia Worldwide**. Disponível em: <<https://transrespect.org/en/tmm-update-tdor-2021>> Acesso em 01 jun. 2022.

UNESCO. ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Jogo Aberto**: respostas do setor de educação à violência com base na orientação sexual e na identidade/expressão de gênero. Relatório Conciso. 2017. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002446/244652POR.pdf>> Acesso em 25 jun. 2022.